



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 07/12/18

BRASIL	2
Valores oscilantes en el comienzo del último mes del año	2
Feed lots: 5 millones de cabezas fueron terminadas en confinamiento	2
Reapertura de ESTADOS UNIDOS todavía sin novedades	3
Francia condiciona acuerdo con Mercosur al apoyo al Protocolo de Paris	3
Escenario positivo para accionistas de frigoríficos brasileños	4
Aftosa: reforzarán controles en estados que no vacunarán	4
Rabobank prevé un escenario de precios firmes	5
URUGUAY	7
CHINÁ firman nuevo protocolo sanitario	7
Abre posibilidad de exportar carne enfriada	7
Noviembre histórico para exportaciones de carne congelada a China	7
China, un destino de oportunidades para la carne vacuna enfriada de Uruguay.....	7
Uruguay retomó negociación con China por ingreso de mondongos.....	8
REAPERTURA DE JAPON	9
Llegará misión de Japón para habilitar frigoríficos Revisará tres plantas y ya se acordó el certificado sanitario.....	9
Misión nipona habilitaría en principio 15 frigoríficos	10
Stanham tras ingreso a Japón: “Ojalá agregue más valor a la cadena cárnica”	10
Exportación en pie de 2018 son las más altas de la historia cuando todavía falta diciembre	11
Buscan mejorar acceso cárnico en COREA DEL SUR.....	11
PARAGUAY	11
Avanzan gestiones para exportar carne a EE.UU.....	11
Exportación de carne, con una leve reducción de 2% Rusia sigue siendo nuestro principal mercado ..	12
Nuevos mercados para la carne.....	12
CHILE está saturada de carne	12
La raza Brangus representa más del 40% del rodeo vacuno de Paraguay.....	13
ESTADOS UNIDOS	13
Casa Blanca: CHINA sera importante comprador de productos agropecuarios estadounidenses	13
Presidentes Xi y Trump acuerdan cese a la Guerra comercial	14
Efectos concretos demorarán	15
NAFTA firman renovación	16
Trump anuncia que llevará al Congreso un proyecto para su eliminación	16
NCBA satisfecha por la firma de la renovación del NAFTA.....	16
Impacto de MÉXICO sobre la oferta de animales para engorde.....	17
MARRUECOS habilitó las importaciones de carne bovina de EE.UU.	17
AUSTRALIA Acceso a mercados: Prioridades	18
CHINA: efectos de la difusión de la peste porcina sobre el mercado mundial de carnes rojas	19
EMPRESARIAS	19
Marfrig post-Keystone mira al negocio de las hamburguesas	19
JBS nuevas apuestas a través de la marca Bordon	20
Gilberto Tomazoni: nuevo director ejecutivo del grupo brasileño JBS.....	21
Marfrig compra Quickfood Argentina.....	21



BRASIL

Valores oscilantes en el comienzo del último mes del año

Portal DBO - 06/12/2018 Segundo Cepea, cenários distintos da indústria e dos pecuaristas tem ditado o tom do mercado

Os valores da arroba do boi gordo têm oscilado neste início de dezembro. Segundo pesquisadores do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq USP), esse contexto segue atrelado às diferentes urgências de agentes – enquanto os frigoríficos com escalas mais alongadas pressionam as cotações, os que necessitam de novos lotes elevam os valores pagos. Do lado do pecuarista, os que precisam negociar acabam cedendo em alguns casos, ao passo que outros, com a melhora dos pastos, preferem aguardar.

Quanto à carne negociada no mercado atacadista da Grande São Paulo, estão em alta neste começo de dezembro. De acordo com pesquisadores, esse movimento se deve tanto às exportações em ritmo intenso, que enxugam a oferta doméstica, quanto ao aquecimento da demanda por parte do varejo, que começa a fazer estoques para o consumo de final de ano.

As exportações brasileiras de carne bovina in natura registram recordes de volume e de faturamento em moeda nacional neste segundo semestre. Em novembro, a quantidade embarcada caiu em relação à de outubro, mas foi a maior para um mês de novembro, considerando-se a série histórica da Secex.

Feed lots: 5 millones de cabezas fueron terminadas en confinamiento

3/12/18 - por Equipe BeefPoint Para acelerar os ganhos de produtividade, permitindo a ampliação da produção de carne bovina ao mesmo tempo em que cedem áreas de pastagens para a agricultura, os pecuaristas intensificaram o uso de grãos na alimentação do gado em ritmo mais acelerado que o previsto.

Levantamento recém-concluído pela multinacional holandesa DSM, empresa que detém 30% do mercado brasileiro de sal mineral para bovinos, mostrou que o número de bois engordados nos confinamentos do país alcançou em torno de 5 milhões neste ano.

A partir de entrevistas com 3 mil pecuaristas, a DSM estimou que 4,987 milhões de cabeças de bovinos foram “terminados” em confinamentos. Ou seja, passaram a última fase do processo de engorda – do boi magro até o animal pronto para o abate – no sistema intensivo. Na comparação com 2017, quando 4,850 milhões de bovinos foram confinados, o crescimento foi de 3%.

O levantamento, uma espécie de “censo” da pecuária intensiva no país, animou Marcos Baruselli, gerente de confinamento da DSM. Em entrevista concedida ao Valor em julho, o executivo estava mais conservador, estimando que os confinamentos do país atingiram a marca dos 5 milhões em 2020.

“Surpreendeu bastante. O que está acontecendo é uma intensificação muito forte da pecuária. O produtor rural está vendo que, se ele não produzir mais arrobas por animal, perde competitividade, e a pecuária passa a não ser tão atrativa”, afirmou Baruselli. Para aumentar a velocidade da criação de bovinos, a dieta com grãos do confinamento é a grande opção.

Mas o confinamento tradicional não é a única forma de alimentar o gado com grãos. Nos últimos anos, os pecuaristas passaram a utilizar um modelo conhecido como “confinamento a pasto”. Nesse modelo, os bois recebem uma dieta de grãos (milho e farelo de soja) muito semelhante à da estrutura dos confinamentos, onde os animais ficam lotados em um espaço reduzido, mas em cochos distribuídos na área de pastagem. Esse modelo, que é mais barato por não envolver investimentos na construção da estrutura do confinamento, avançou sobretudo em Mato Grosso, o maior Estado produtor de grãos.

Conforme as estimativas da DSM, outros 5 milhões de bois são alimentados, em maior ou menor medida, com grãos em modelos semelhantes ao “confinamento a pasto”. Somados à atividade intensiva tradicional, são cerca de 10 milhões de bois abatidos por ano no Brasil criados de forma intensiva. Não é um número irrelevante, especialmente porque a criação de gado em fazendas extensas e pouco produtivas sempre foi uma característica da pecuária no país.

Considerando as 10 milhões de cabeças, cerca de um terço do gado abatido no Brasil consome grãos, segundo Baruselli. Em 2017, os frigoríficos com algum tipo de inspeção (federal, estadual ou municipal) abateram 30,8 milhões de animais, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

O movimento de intensificação da pecuária deve continuar ao longo dos próximos anos, projeta o executivo da DSM. Segundo ele, é possível que em 2025 cerca de 10 milhões de bovinos sejam engordadas apenas no confinamento tradicional. Se as outras estratégias intensivas (como o confinamento a pasto) forem consideradas na conta, é “provável” que metade do gado abatido no Brasil seja alimentado com grãos, afirmou Baruselli.

Para os pecuaristas brasileiros, o movimento representa um ganho de produtividade, mas também impõe desafios. Isso porque a produção de gado bovino estará mais vinculada ao preço dos grãos. Em períodos de quebra de safra, o setor poderá sofrer mais.



Reapertura de ESTADOS UNIDOS todavía sin novedades

29/11/18 - por Equipe BeefPoint A reabertura do mercado americano à carne bovina in natura brasileira segue indefinida. A expectativa de que o ministro da Agricultura, Blairo Maggi, conversaria ontem sobre o assunto com o secretário de Agricultura dos Estados Unidos, Sonny Perdue, foi frustrada, de acordo com três fontes a par do assunto.

O ministro brasileiro aguardou a ligação, que não ocorreu, durante a tarde. Conforme uma fonte, o Departamento de Agricultura dos EUA (USDA) alegou que o secretário Perdue estava ausente, e sugeriu que Blairo conversasse, por telefone, com um subordinado do americano. O ministro brasileiro teria se negado, disse a fonte. A avaliação é que apenas uma conversa entre congêneres – como é o caso de Blairo e Perdue – poderia destravar a reabertura do mercado, fechado desde junho de 2017.

Segundo outra fonte, a versão nos EUA para o desencontro entre os ministros é que o USDA ainda não terminou de avaliar os documentos enviados pelo Ministério da Agricultura do Brasil. Essa avaliação é essencial para a decisão dos americanos. No entanto, técnicos do Ministério da Agricultura avaliam que a questão deixou de ser técnica e passou a ser política.

Ao Valor, técnicos do Ministério da Agricultura disseram que dificilmente os EUA anunciarão algo positivo neste ano. Ontem, quando Blairo aguardava o telefonema, havia certo otimismo, especialmente porque os EUA anunciaram segunda-feira a abertura de seu mercado de carne bovina para a Argentina.

“A abertura deve ficar para o início de 2019”, disse um empresário, destacando que o alinhamento do presidente eleito, Jair Bolsonaro, com o presidente americano, Donald Trump, pode ajudar.

Francia condiciona acuerdo con Mercosur al apoyo al Protocolo de Paris

30/11/18 - por Equipe BeefPoint O presidente da França, Emmanuel Macron, disse nesta quinta-feira, 29, em Buenos Aires, que a assinatura de um acordo comercial da União Europeia com o Mercosul depende do apoio do governo brasileiro ao Acordo de Paris, um compromisso internacional que tem o objetivo de minimizar os impactos do aquecimento global.

As declarações foram feitas durante uma entrevista coletiva na capital argentina, onde começa nesta sexta-feira o encontro dos líderes do G-20, grupo que reúne as maiores economias do mundo.

“Do lado francês, eu digo claramente que não sou favorável à assinatura de um acordo comercial amplo com potências que não respeitam o Acordo de Paris e que anunciam que não vão respeitar o Acordo de Paris”, disse Macron. Nesta semana, o Brasil decidiu retirar sua candidatura para sediar a reunião sobre mudanças climáticas da ONU, em 2019. Bolsonaro admitiu, na quarta-feira, ter participado dessa decisão e explicou que não faria sentido sediar o evento, uma vez que o País pode deixar o acordo do clima.

“Esses acordos comerciais contemporâneos precisam responder aos desafios contemporâneos. Ocorre que há uma mudança política maior no Mercosul que acaba de ocorrer no Brasil. Portanto, é do lado do Mercosul que a questão está colocada para saber qual é a natureza do impacto que essa mudança vai ter”, afirmou Macron.

As negociações para assinatura de um acordo comercial entre Mercosul e União Europeia se estendem por quase 20 anos e estão na reta final. A França sempre foi resistente a um acordo que prejudicasse seus produtores de carne e açúcar, mas recentemente deu sinais de que poderia chegar a um entendimento. Na quinta-feira, no entanto, Macron deixou claro que as conversas podem travar novamente.

Segundo ele, houve um encontro no início do ano em Paris com o presidente da Argentina Mauricio Macri e certos compromissos foram adotados por ambos os lados para garantir que houvesse um avanço nas negociações entre Mercosul e UE. Um desses compromissos foi de que todos, em um eventual acordo comercial, respeitassem os princípios do Acordo de Paris. “Isso significa que eu me coloco numa situação em que eu exijo esforços de meus trabalhadores, meus industriais, para se adaptarem ao Acordo de Paris. É um sacrifício”, disse Macron. “E do outro lado, assinaríamos acordos comerciais com países que dizem abertamente que não há problemas de aquecimento climático, que não fazem esses esforços.”

Nesta semana, Bolsonaro voltou a dizer que o Brasil é o país que mais preserva o meio ambiente e que o agronegócio está sufocado “por questões ambientais que não colaboram em nada para o desenvolvimento e a preservação do meio ambiente.”

Diplomatas brasileiros disseram ao Estado que, em governos anteriores, o acordo climático nunca foi um obstáculo. Parte dos negociadores brasileiros, porém, alertam que a postura da França pode ser “oportunista”. Paris jamais cedeu em abrir seu mercado para as exportações agrícolas do Mercosul. Agora, segundo alguns diplomatas, encontrou um argumento para impedir o acordo.

Procurado, o Itamaraty disse que não iria se pronunciar.

Resposta de Bolsonaro

Em publicação no Twitter, o presidente eleito Jair Bolsonaro afirmou que não vai sujeitar o território brasileiro a colocações de outras nações.



“Sujeitar automaticamente nosso território, leis e soberania a colocações de outras nações está fora de cogitação. É legítimo que países no mundo defendam seus interesses e estaremos dispostos a dialogar sempre, mas defenderemos os interesses do Brasil e dos brasileiros”, escreveu na rede social.

Escenario positivo para accionistas de frigoríficos brasileiros

30/11/18 - por Equipe BeefPoint Depois de uma década praticamente perdida quando o assunto é receber dividendos, os acionistas dos principais frigoríficos brasileiros podem estar próximos de um tempo de bonança.

Pactual, em relatório divulgado à imprensa ontem. A avaliação é que a estratégia “veloz e furiosa” de aquisições do setor – foram 84 desde 2007 – ficou no passado e agora os frigoríficos estão convencidos a reduzir as dívidas, disseram os analistas do BTG, Thiago Duarte e Henrique Brustolin, no relatório.

No tabuleiro global das carnes, lembraram os analistas, os últimos dez anos foram marcados por um crescimento sem precedente da indústria nacional. Conforme dados compilados pelo BTG, a receita somada de JBS, BRF, Marfrig e Minerva – as quatro empresas de carnes com ações listadas na B3 – cresceu oito vezes desde 2007, quando JBS, Marfrig e Minerva abriram o capital na bolsa. A BRF ainda não existia, mas Perdigão e Sadia – as empresas deram origem à companhia após a fusão, em 2009 – já estavam na bolsa desde a década de 1980.

Em 2007, o faturamento somado das companhias não chegava a R\$ 50 bilhões. Neste ano, a cifra deve superar R\$ 250 bilhões, de acordo com as projeções do BTG. Maior empresa de carne do planeta e líder em faturamento entre as companhias não-financeiras no Brasil, a JBS responde por 70% das vendas.

De acordo com o BTG, o crescimento dos frigoríficos brasileiros foi largamente financiado com a emissão de dívidas. Na prática, os detentores dos títulos no exterior ficaram com a maior parte do quinhão na forma de juros – isso vale sobretudo para JBS, Marfrig e Minerva. Por outro lado, as elevadas despesas financeiras inviabilizaram os dividendos pagos para os acionistas. “Foi nada menos que um desastre para o retorno dos acionistas”, concluíram eles.

Não à toa, os frigoríficos tiveram desempenho fraco na bolsa nesse período. Cálculos agregados, feitos pelos analistas, mostram que as ações das empresas de carnes do país ficaram estáveis na última década. “Em termos nominais!”, enfatizaram Duarte e Brustolin. Ou seja, quando descontada a inflação, as ações valem menos hoje – houve “destruição de valor”, no jargão do mercado.

Para o próximo ano, a expectativa é que isso mude. JBS, BRF e Marfrig, as três maiores, venderam ativos ou estão em processo de desinvestimentos para reduzir a dívida.

Após a delação dos irmãos Batista, em maio de 2017, a JBS angariou R\$ 4,7 bilhões com a venda de ativos. Além disso, a empresa renegociou dívidas com os bancos no Brasil, e neste ano antecipou pagamentos. Com essas medidas – a geração de caixa também contribuiu -, o índice de alavancagem (relação entre dívida líquida e Ebitda) caiu de 4,16 vezes, em junho de 2017, para 3,38 vezes no fim de setembro.

A Marfrig obteve ainda mais recursos. Em agosto, acertou a venda da Keystone para a americana Tyson Foods, por US\$ 2,4 bilhões (mais de R\$ 8 bilhões). A empresa deve concluir a venda até o fim do ano, reduzindo assim o índice de alavancagem de 4,5 vezes em dezembro do ano passado para 2,5 vezes – o menor índice do setor.

A BRF, por sua vez, está na fase final para a venda dos ativos na Argentina, Tailândia e Europa, com os quais quer obter R\$ 3 bilhões. O plano da gestão Pedro Parente é reduzir o índice de alavancagem das 6,7 vezes reportadas em 30 de setembro a 3 vezes no fim de 2019.

Diante do cenário positivo, o BTG recomendou aos investidores a compra de ações da JBS – o preço-alvo para os papéis é R\$ 15, potencial valorização de 27% sobre a atual cotação. O BTG também vê alta potencial de 14% nas ações da Marfrig. Entre as empresas do setor, JBS e Marfrig são as mais bem posicionadas para aproveitar o momento favorável para a produção de carne nos EUA e no Brasil.

Aftosa: reforzarán controles en estados que no vacunarán

05/12/18 - por Equipe BeefPoint O controle do trânsito de animais será cada vez mais rigoroso no Acre, em Rondônia, parte de Mato Grosso, do Amazonas e do Paraná para prevenir o ressurgimento de focos de febre aftosa nessas regiões. Nesses Estados a vacinação contra a doença começará a ser retirada a partir de novembro de 2019, informou nesta terça-feira, 4, o Ministério da Agricultura, em nota.

As ações para reforçar essa vigilância nos limites domésticos e de fronteiras com os países vizinhos estão sendo discutidas na sede da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado de São Paulo (Faesp), em São Paulo (SP), nesta terça e quarta-feira.

Prioritariamente, esses Estados precisam reforçar os atuais postos de fiscalização, construir novos e ampliar os controles, a fim de cumprir as exigências para atingir o status de zona livre de febre aftosa sem vacinação. As medidas de vigilância integram as ações do Programa Nacional de Erradicação e Prevenção da Febre Aftosa (Pnefa) 2017/2026.



Participam da reunião representantes do Ministério da Agricultura, do serviço veterinário dos Estados e do setor privado, do Centro Panamericano de Febre Aftosa (Panaftosa), do Fórum Nacional dos Executores de Sanidade Agropecuária (Fonesa), da Agência Brasileira de Inteligência (Abin) e da Faesp.

O coordenador do Panaftosa, Júlio Cesar Augusto Pompei, afirmou que a última etapa do Plano Hemisférico de Erradicação da Febre Aftosa na América do Sul (Phepa), que prevê o continente livre da doença, não é um sonho impossível, mas “um futuro próximo”, conforme nota da Faesp.

A principal iniciativa no momento é garantir a vacinação de rebanhos na Venezuela, que faz fronteira com o Brasil e recentemente apresentou focos da doença.

A vacinação na Venezuela, disse Pompei, é de interesse do Brasil, para que se obtenha “maior segurança” na região. “Temos de interromper a circulação do vírus na Venezuela e na Colômbia”, disse. Desde 2006 o Brasil não apresenta focos de aftosa.

Faz parte da estratégia conjunta na Venezuela, coordenada pelo Panaftosa, de concretizar um plano de vacinação no país durante dois anos, podendo ser prorrogado por mais dois anos. Para tanto, se buscará a criação de um fundo privado para garantir o cumprimento das campanhas. Os países participantes buscarão também apoiar as ações com o envio de profissionais e doação da vacina.

Na mesma reunião, o presidente da Faesp, Fábio Meirelles, comentou que a entidade tem trabalhado em conjunto com o Conselho Nacional de Pecuária de Corte (CNPC) para traçar estratégias de vigilância no trânsito nacional e internacional de animais. A Faesp defende, também, a antecipação do status de área livre de aftosa sem vacinação e a criação de um fundo privado, com fins indenizatórios e educacionais, como já ocorre atualmente em Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Goiás.

Rabobank prevê un escenario de precios firmes

07/12/18 - por Equipe BeefPoint

O ano de 2018 foi marcado por fatores que geraram volatilidade na economia e nos ativos brasileiros, refletindo incertezas políticas locais e instabilidades financeiras internacionais, de acordo com relatório de perspectivas para o agronegócio brasileiro em 2019 do Rabobank.

No plano global, a continuidade da normalização (leia-se alta) dos juros norte-americanos e o aumento das tensões comerciais entre EUA e China (duas maiores economias do mundo) gerou um ambiente de menor liquidez e apetite dos investidores com relação a ativos de países emergentes. Em decorrência deste quadro, o dólar se fortaleceu e os custos de financiamento se elevaram em nível mundial.

Por um lado, o impacto deste choque global na economia brasileira foi atenuado por uma política econômica consistente, uma posição externa sólida e por expectativas de inflação bem ancoradas. Estes fatores ajudaram o país a se diferenciar, de certo modo, de alguns pares emergentes que recentemente observaram intensa deterioração macroeconômica. Ao contrário destes mercados, onde bancos centrais tiveram que subir os juros, a taxa básica Selic permaneceu estável no nível mínimo histórico de 6,50% – e deve continuar neste patamar no fim de 2018.

A atividade econômica segue em processo de recuperação, ainda que em ritmo bastante gradual, após uma das recessões mais intensas da história republicana. A greve dos caminhoneiros no final de maio teve forte impacto no crescimento do 2T18, mas seus efeitos foram compensados por uma aceleração no 3T18. Projetamos crescimento do PIB de 1,3% em 2018, consistente com uma paulatina recuperação do emprego e, conseqüentemente, do consumo interno.

Por outro lado, persistem as dificuldades no lado fiscal, em meio a um rápido aumento da dívida pública e forte crescimento das despesas obrigatórias. A grave situação das contas públicas segue pesando sobre as expectativas, de maneira que as reformas, especialmente no caso da previdência, são urgentes. Além de políticas econômicas ortodoxas, a aprovação de profundas reformas é também condição necessária para uma recuperação duradoura do orçamento público e do crescimento sustentável.

Após um processo eleitoral de alta complexidade e baixa previsibilidade, Jair Bolsonaro (PSL) foi eleito o novo presidente do Brasil para o mandato de 2019 a 2022. As eleições gerais foram marcadas por uma elevada taxa de renovação do Congresso e de governos estaduais. A nova configuração parlamentar aponta para uma crescente fragmentação política, refletida (por exemplo) em um número histórico de partidos compondo as duas casas.

A eleição de Jair Bolsonaro (e um bom número de aliados para a Câmara, Senado e governos estaduais), além dos sinais emitidos pelo presidente eleito e por integrantes da nova equipe econômica, parecem ter levado o mercado a antecipar uma política econômica ortodoxa e uma boa chance de aprovação de reformas pelo próximo governo. A taxa cambial e outros ativos nacionais observaram a grande recuperação de perdas anteriores.

De fato, analisando a nova legislatura sob uma perspectiva ideológico-partidária, a impressão é de que a aprovação das principais reformas estruturais é (ao menos teoricamente) viável. No entanto, o novo governo precisará dialogar amplamente com outros partidos de centro para obter apoio, especialmente para medidas constitucionais. Este apoio parlamentar às iniciativas mais controversas (como a reforma da previdência – que julgamos fundamental) é o principal risco econômico a se monitorar adiante.



Em caso de frustrações com as reformas, o otimismo atual do mercado tende a se reverter, levando a piores condições de mercado e expectativas econômicas. E os impactos econômicos e financeiros da ausência de reformas poderiam se sentir a qualquer momento, dependendo do grau de paciência dos investidores e das condições financeiras globais.

Em suma, antecipamos resultados potencialmente binários para a economia brasileira e para os ativos nacionais (como a taxa cambial) a médio prazo, condicional ao sucesso na aprovação de uma reforma da previdência eficaz (do ponto de vista da redução de custos para o Tesouro a médio e longo prazo).

Supondo volatilidade moderada nas condições financeiras nos próximos meses, projetamos crescimento do PIB de 2,2% para 2019, o que daria continuidade ao quadro atual de recuperação gradual da atividade econômica, do emprego e do consumo.

Quanto à taxa de câmbio, em meio a desafios locais (leia-se riscos de execução de reformas) e um contexto global desfavorável (e.g. juro maior, menor liquidez, tensões comerciais), projetamos uma taxa cambial de 3,80 por dólar ao final deste ano e 3,90 por dólar ao final de 2019.

Para a taxa básica de juros (Selic), projetamos estabilidade no patamar de 6,50% até o final do próximo ano. Acreditamos que a inflação se elevará de 3,7% este ano para 4,0% no próximo ano, permanecendo ainda abaixo da meta central do BC (4,50% em 2018 e 4,25% em 2019). Este cenário pressupõe expectativas favoráveis quanto à aprovação de mudanças importantes na previdência.

Bovinos

As exportações foram novamente o destaque do setor de carne bovina no Brasil em 2018.

Apesar dos desafios presentes, a pecuária de corte brasileira demonstrou força ao aumentar de maneira relevante as exportações em 2018 (cerca de 10%, entre janeiro e outubro), confirmando a sua posição de liderança mundial. Entre os destinos que apresentaram crescimento, destaca-se a China, que aumentou as suas importações de carne bovina do Brasil em mais de 55% no período analisado.

Por outro lado, a Rússia manteve o mercado fechado para as carnes bovina e suína do Brasil durante boa parte do ano, reabrindo as importações apenas em novembro. Apesar do reduzido número de plantas habilitadas após a reabertura, o mercado russo deve ser uma importante opção para as exportações brasileiras de carne bovina em 2019.

O consumo doméstico, em recuperação, apresentou leve crescimento ao longo do ano. No entanto, o consumo per capita ainda ficou abaixo do período pré-crise. Para 2019, há a perspectiva de crescimento mais significativo, a depender da velocidade de crescimento da economia.

Assim como a demanda, a oferta também foi superior em 2018, quando comparada ao ano de 2017. O aumento da produção de carne bovina se deu, principalmente, como resultado do aumento do número de animais terminados, que foi impulsionado pelo aumento da participação de fêmeas nos abates. De acordo com o Rabobank, a produção de carne bovina deverá crescer cerca de 2% em 2019. O crescimento mais lento se deve, principalmente, ao aumento significativo do abate de vacas durante 2018.

As exportações devem crescer cerca de 4% em 2019, o que deve manter a disponibilidade local de carne bovina em equilíbrio – em um cenário em que a demanda local avance em linha com o crescimento da oferta. No entanto, se a demanda doméstica acelerar mais rapidamente, os preços da arroba podem iniciar uma trajetória de alta já em 2019.

É importante destacar novamente a elevada relação positiva que existe entre a renda disponível e o consumo de carne bovina no Brasil. Como visto em períodos de crise com a queda do consumo, também podemos esperar um crescimento mais rápido caso realmente se confirme um ano de crescimento econômico mais significativo em 2019.

A comercialização de animais tem encontrado novas alternativas. As exportações de gado em pé, por exemplo, têm representado uma importante opção de venda para produtores de gado no Brasil, dependendo da região de atuação. Acesso a novos mercados, como o Irã – anunciado ainda em 2018 – deve impulsionar ainda mais esse tipo de atividade.

Em relação à gestão de risco, mantemos a recomendação para o produtor de gado de corte no Brasil de aumentar esforços no entendimento de seus custos para a melhor utilização de ferramentas financeiras no mercado futuro, com o objetivo de garantir margens satisfatórias e de acordo com suas estratégias. A exposição ao mercado e, portanto, à volatilidade deve ser calibrada com base em uma política estruturada de negócios.

Quanto aos custos de produção para sistemas intensivos e semi-intensivos, a relação de troca entre o boi gordo e o bezerro (ou boi magro) deve confirmar a inversão da tendência em 2019 e passar a valorizar mais os animais jovens – beneficiando o produtor de cria. Tendência que deve se acentuar em 2020. Em relação ao milho, a oferta do produto deve crescer em relação ao ano de 2018, aumentando a disponibilidade para a produção de ração animal.

O ano de 2019 deve ser de resultados mais positivos para todos os elos da cadeia de carne bovina no Brasil. Destacam-se como principais pontos a serem observados no ano: a continuação do crescimento das exportações, a provável aceleração do consumo interno e o crescimento da oferta em ritmo mais



lento. É importante ressaltar também que, apesar da maior disponibilidade prevista para o milho no mercado local, a compra de animais de reposição devem ficar mais caras, já a partir de 2019.

URUGUAY

CHINÁ firman nuevo protocolo sanitario

Abre posibilidad de exportar carne enfriada

04/12/2018 - Se aumentó la vida útil del producto a 120 días.

La renovación del protocolo sanitario para la carne vacuna con China es un aspecto muy “trascendente” porque es el principal importador de Uruguay, tanto en volumen como en las características de los productos que demanda, aseguró a Rurales El País Daniel Belerati, presidente de la Cámara de la Industria Frigorífica (CIF).

Belerati contó que el nuevo protocolo firmado amplía a 120 días la vida útil de la carne enfriada, lo que favorece el ingreso de otro producto a China que por mucho tiempo fue “un paso pendiente a dar” y “permite nuevas oportunidades de acceso al mercado”. Y agregó: “Es una muy buena conquista porque permite llegar a la última etapa y estar muy cerca del consumidor final”.

En la actualidad la carne vacuna tiene un tiempo de navegación que ronda los 50 a 55 días, quedando unos 70 días disponible en destino, si se tiene en cuenta la nueva determinación. Australia, competidor directo para la carne enfriada, tiene un periodo de navegación de 12 días. “Es trascendente, cuanto más días se pueda tener el producto en stock es una ventaja”, sumó.

Belerati destacó la necesidad de hacer “esfuerzos” para que la carne de alta calidad tipo cuota 481 pueda “ganarse un lugar” en China o Japón. “Nos permite acceder a mercados diferenciales en precio y no podemos perder el camino recorrido que complementa a la ganadería con la agricultura”, resaltó.

Otro aspecto que se destaca en el protocolo firmado es el tiempo de espera de los animales en los campos previo a la faena, pasando de 46 a 90 días. “Nos parece que es injusto en un país que está aprobada la no presencia del virus de la fiebre aftosa, con una cuarentena de mínima de 14 días era suficiente. Pero los en China entienden que todos los países libre de aftosa con vacunación son países infectados y se deben cumplir esos plazos”, contó.

Sin embargo, Belerati dijo que el Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca, por intermedio del Sistema Nacional de Identificación Ganadera, demostró a los empresarios que el 92,3% de los ganados faenados en 2017 contaban con más de 90 días de estancia en el campo antes de pasar a la faena, por lo que se considera que “un gran número de los ganados están habilitados para China”.

Noviembre histórico para exportaciones de carne congelada a China

05/12/2018 Uruguay colocó 21.668 toneladas en un mes, volumen récord para este destino.

Las exportaciones uruguayas de carne vacuna congelada a China marcaron en noviembre un récord histórico con colocaciones que superaron las 20.000 toneladas, confirmó a Rurales El País Rafael Tardáguila, director de Tardáguila Agromercados.

De acuerdo a los datos de la Dirección Nacional de Aduanas, en total se enviaron 21.668 toneladas de productos congelados a China en un mes, un volumen superior a la cuota anual de carne vacuna que cuenta Uruguay en los Estados Unidos, dijo Tardáguila.

Se trata de exportaciones que “rompe todas las marcas” y se explica porque “los embarques llegarán a tiempo para estar en las mesas de los consumidores asiáticos en las festividades de año nuevo”, explicó el analista de mercados cárnicos.

De toda la carne congeladas exportada por Uruguay en noviembre, el 73% del total lo importó China, mientras que “muy atrás” se ubican Estados Unidos, con algo más de 2.000 toneladas, y Canadá, superando las 1.000 toneladas de carne importadas, detalló.

El valor medio de exportación en noviembre fue de US\$ 4.833 por tonelada peso embarque, contó Tardáguila y comparó: “Son US\$ 175 menos por tonelada frente al promedio de los últimos once meses que totalizó US\$ 5.008 por tonelada”. Sin embargo, la referencia anual es 1,6% superior versus los mismos meses del año pasado.

China, un destino de oportunidades para la carne vacuna enfriada de Uruguay

05/12/2018 El aumento de la vida útil de la carne vacuna enfriada, que se firmó en el nuevo protocolo con China, permite a Uruguay competir con Australia en nichos de alta calidad.

La renovación del protocolo sanitario con China permite nuevas oportunidades de comercio para la carne vacuna uruguaya. Entre otros puntos, se firmó aumentar a 120 días el plazo máximo de vida útil de la carne enfriada, una posibilidad para competir en segmentos alta calidad.



El broker de carnes uruguayo radicado en China, Daniel Castiglioni, aseguró a Rurales El País que la carne enfriada en China tiene lugar en nichos de lujo: como en las cadenas hoteleras o restaurantes. “Son segmentos cinco estrellas, donde la carne enfriada tendría su destino”, resaltó.

Para desarrollar los mercados de lujo en China, Castiglioni dijo que Uruguay debe estar “muy bien armado”, con un ejercicio “muy destacado y profesional entre la industria y la distribución”. Y agregó: “Es una muy buena opción que se debe trabajar y desarrollar”.

Con los plazos máximos determinados en el protocolo, el broker aseguró que la carne vacuna enfriada uruguaya tendría una vida útil en China de unos cincuenta días aproximados; por tanto, volvió a hacer hincapié en tener los canales “bien aceitados” para lograr las “ventajas competitivas con otros proveedores y estar más cerca de las condiciones de Australia”.

Castiglioni entiende que Uruguay debe tener claro tres puntos: el primero, contar con un producto de calidad, como el actual. Segundo, tener un servicio logístico y de atención de primer nivel para llegar al consumidor final de la mejor manera y sin perder la calidad de la carne. Y tercero, contar con los lugares indicados para comercializar el producto. “Son puntos claves para ser exitoso en los mercados de lujo”, destacó.

Dijo que todos los hoteles y restaurantes cinco estrellas de China utilizan productos de alta calidad que ofrece Australia. “Ellos tienen el monopolio en el segmento del enfriado. No hay dudas que hay espacio para Uruguay, pero se debe trabajar y pelear desde abajo”, cerró.

Uruguay retomó negociación con China por ingreso de mondongos

05/12/2018 - Ahora puede ingresar con cortes de carne enfriada y con vísceras rojas.

Uruguay retomó las negociaciones sanitarias con China para concretar la exportación de estómagos bovinos (librillo y mondongo), producto que tiene cerradas las puertas del gigante asiático y que hasta ahora los frigoríficos venden a Hong Kong. Así lo confirmó a El País el director del Departamento de Asuntos Internacionales del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca, Rodolfo Camarosano.

China es el principal importador del producto y el que paga mejores precios y Uruguay concretó recientemente la aprobación del nuevo protocolo para carne bovina con hueso y vísceras rojas. Siempre se le planteó a China la necesidad de entrar con mondongo y librillo, por la alta demanda y por los precios, pero hasta ahora las autoridades sanitarias chinas se negaban a discutir el tema. A partir de concretarse la aprobación del ingreso de vísceras rojas, se comienza a negociar la entrada de vísceras blancas (estómagos bovinos).

Visión. La renovación del protocolo sanitario con China permite nuevas oportunidades de comercio para la carne vacuna uruguaya y promueve algunos cambios. Entre otros puntos, se aumentó a 120 días el plazo máximo de vida útil de la carne enfriada, una posibilidad para competir en segmentos alta calidad.

El broker uruguayo radicado en China, Daniel Castiglioni, aseguró a Rurales El País que la carne enfriada en China tiene su lugar en nichos de lujo: como las cadenas hoteleras o restaurantes. “Son segmentos cinco estrellas, donde la carne enfriada tendría su destino”, resaltó el empresario.

Para desarrollar los nichos de mercado de lujo en China, Castiglioni consideró que Uruguay debe estar “muy bien armado”, con un ejercicio “muy destacado y profesional entre la industria y la distribución”. El broker agregó que “es una muy buena opción que se debe trabajar y desarrollar”.

Plazos. Con los plazos máximos determinados en el nuevo protocolo, el broker aseguró que la carne vacuna enfriada uruguaya tendría una vida útil en China de unos cincuenta días aproximados. Por eso, volvió a hacer hincapié en tener los canales “bien aceitados” para lograr las “ventajas competitivas con otros proveedores y estar más cerca de las condiciones de Australia”.

Castiglioni entiende que Uruguay debe tener claro tres puntos: contar con un producto de calidad, como el actual. Segundo, tener un servicio logístico y de atención de primer nivel para llegar al consumidor final de la mejor manera y sin perder la calidad de la carne. Y tercero, contar con los lugares indicados para comercializar el producto. “Son puntos claves para ser exitoso en los mercados de lujo”, destacó el principal de Castritrader.

Dijo que todos los hoteles y restaurantes cinco estrellas de China utilizan productos de alta calidad que ofrece Australia. “Los australianos tienen el monopolio en el segmento del enfriado. No hay dudas que hay espacio para Uruguay, pero se debe trabajar y pelear desde abajo”, consideró el broker.

China es el principal destino para las vísceras rojas y la carne con hueso, medido en volumen. Según los datos estadísticos del Instituto Nacional de Carnes (INAC) hasta el pasado 24 de noviembre los importadores chinos acapararon 209.413 toneladas peso canal por US\$ 767.287.000. Las compras de China subieron -en las fechas citadas- 6,59%. A su vez, la facturación se incrementó 14,41% pero también subió el volumen vendido a ese destino, donde incidieron las compras que deben llegar antes del Año Nuevo Chino (empieza el 5 de febrero).

Según publicó Faxcarne, en noviembre las exportaciones de carne vacuna fresca a China fueron récord. De acuerdo con datos de la Dirección de Aduanas -en base a solicitudes de exportación-, el gigante



asiático llevó 21.668 toneladas peso embarque del producto congelado, 12% más que en octubre y 32% por encima del mismo mes del año anterior. En el acumulado de los 11 meses llevó 170 mil toneladas.

REAPERTURA DE JAPON

Llegará misión de Japón para habilitar frigoríficos Revisará tres plantas y ya se acordó el certificado sanitario

03/12/2018 Con el certificado sanitario que acompañará los embarques de carne vacuna sin hueso y con maduración ya acordado entre ambos países, la próxima semana llegará una auditoría de Japón para habilitar frigoríficos exportadores.

En principio los técnicos nipones visitarán tres plantas para ver la operativa de faena, revisar documentación e interiorizarse más sobre la producción de la carne vacuna uruguaya una vez que el animal llega al frigorífico para ser industrializado.

Luego vendrá la fase de evaluación y un informe final de las autoridades sanitarias niponas que enviarán al Ministerio de Ganadería, confirmando cuántos frigoríficos quedarán habilitados para esta nueva etapa.

Japón es el tercer mayor importador mundial de carne bovina y es un mercado de alto valor. Compra unas 700.000 toneladas y se estima que el año próximo superará las 800.000 toneladas de carne bovina, con Estados Unidos y Australia como principales abastecedores, especialmente en lo que es carne a granos.

Ahora se abre una nueva etapa para Uruguay, que vio suspendido el ingreso en 2000 cuando la epidemia de fiebre aftosa sacudió al departamento de Artigas, dejando atrás el ingreso de carne bovina fresca y algunas menudencias como las lenguas bovinas. Tras 18 años de negociaciones, Uruguay podrá entrar con carne vacuna sin hueso y con maduración y deberá pagar casi 40% de arancel, en un destino donde Australia y Estados Unidos tienen amplias ventajas comerciales.

La industria frigorífica no pudo conocer a fondo el mercado japonés, pues cuando Uruguay era libre de aftosa sin vacunación le vendió carne entre 1998 y 2000. “Esperamos poder desarrollarlo en profundidad. Japón es un mercado de alto valor, muy serio y formal, donde Uruguay deberá competir fuerte contra Australia y Estados Unidos”, contó a El País Marcelo Secco, director general de Marfrig Uruguay.

Secco que también es médico veterinario, recordó que la reapertura del mercado nipón “es un reconocimiento a toda la cadena cárnica”, donde tanto el sector privado como el público, a través de su trabajo conjunto, posibilitaron volver a generar un status sanitario, “en el sentido de poder acceder con carne bovina siendo que Uruguay es país libre de aftosa con vacunación”.

Ese paso es el que, adicionalmente, brinda la oportunidad de que Uruguay pueda continuar con una agenda que redunde en una mejora del ingreso de la carne en los mercados que ya tiene operativos: caso de Unión Europea, Estados Unidos o Corea del Sur, entre otros. Mejorar el mix de cortes a partir de esta ventaja sanitaria.

“Uruguay puede demostrar con un análisis con rigor científico que desde el punto de vista técnico su riesgo es inexistente. Japón tiene criterio de riesgo cero y no riesgo mínimo, por eso es importante que reconozca la sanidad de Uruguay”, explicó Secco.

Para el director general de Marfrig Uruguay, la reapertura de este mercado “es el mejor impulso que podemos tener para conformar una agenda activa, entre Cancillería, Instituto Nacional de Carnes y el sector privado y seguir negociando”.

A pasto. Más que pensar en entrar con cortes bovinos de ganado terminado a granos, porque Japón es un destino que demanda carne con alto grado de grasa intramuscular, según la visión de Secco, “el foco debería estar puesto en la carne a pasto y en la explotación de otros atributos que tiene la producción uruguaya”.

En lo que es producción de ganados a grano, el industrial explicó que “se compite fuerte con la industria japonesa que está instalada en Australia y con el ganado generado en Estados Unidos”.

El director de Marfrig Uruguay consideró que este nuevo destino “es un desafío comercial y productivo muy importante. La carne a granos, a mi entender, no es el principal foco de hoy y ni por lo que vamos a capturar dinero. Antes de ponernos a competir con un mercado forzado —es casi el doble del mercado de la cuota 481/UE—, con carcasas diferentes y tamaños de animales distintos, hay que apostar a atributos como la carne a pasto”. A su vez, consideró que Uruguay deberá ir desarrollando el mercado y consolidándose como una opción creíble y desarrollar las relaciones comerciales con los clientes.

Gran noticia. Para el presidente de la Asociación Uruguaya de Producción de Carne Intensiva Natural (Aupcin), Álvaro Ferrés, reingresar con carne en Japón “es una gran noticia para el país y para los corrales de engorde”.

Según la visión de Ferrés, las oportunidades para la carne bovina uruguaya desosada, madurada y producida a granos, dependerá de los precios, sabiendo que el arancel es alto y “no será tan fácil para Uruguay ingresar con volúmenes importantes”.

Más allá de que en este segmento no resultará fácil competir con Australia y Estados Unidos, Ferrés remarcó que “cualquier mercado es una alternativa más y hay que valorarla”.



Desde el punto de vista de este ejecutivo, la carne uruguaya entrará al mercado más rápidamente con algunos cortes y con otros no tendrá tanta cintura para competir.

Misión nipona habilitaría en principio 15 frigoríficos

04/12/2018 - Gobierno exhorta a no asustarse con el arancel de 38,5%.

Tras la auditoría de Japón destinada a la revisión de frigoríficos exportadores—revisará tres plantas—, en una primera instancia, serían 15 empresas las que podrán exportar carne desosada y madurada a la nación del sol naciente.

“Tomamos la iniciativa de apuntar a las plantas de máximas exigencias que son las que están habilitadas para exportar carne a la Unión Europea (son 23 contando los depósitos de frío). Ahí evaluamos cada una de ellas y algunas quedaron afuera por cosas muy pequeñas”, explicó el director de los Servicios Ganaderos (MGAP), Eduardo Barre.

En el marco de una conferencia de prensa para analizar la apertura de Japón para la carne vacuna sin hueso y con maduración, así como los adelantos en China, donde se firmó el nuevo protocolo para carnes, maíz y cebada, se destacó que el mercado nipón ofrece un ingreso muy atractivo, tanto para carnes a pasto, para cortes procedentes de animales terminados a granos e incluso se habilitó el ingreso de bloques de carne y trimming. Esto lo convierte en otra alternativa de colocación de trimming (carne para industria y hamburguesas) frente a Estados Unidos y Canadá, que son los tradicionales compradores. La auditoría japonesa se desarrollará la semana que viene (del 10 al 14).

“Nuevos frigoríficos que vayan cumpliendo con los requisitos, podrán ser habilitados a lo largo de los años y el pre listado, permite que en términos de dos o más meses, algunas otras plantas que hoy no pueden estar, se vayan habilitando”, confirmó el director de Asuntos Internacionales del MGAP, Rodolfo Camarosano. En el caso de Japón, más allá de ser un mercado de alto valor, lo importante es la confianza en la sanidad y las certificaciones de Uruguay, pues es el único país libre de aftosa con vacunación con acceso con su carne fresca.

Aranceles. Camarosano exhortó a no asustarse por el arancel de 38,5% que impone Japón para el ingreso de la carne vacuna uruguaya. “Todos los proveedores, excepto Australia pagan eso”, advirtió.

Explicó que “los países que conforman el Acuerdo Progresivo y Global para la Asociación Transpacífica (CPTPP) van a llegar en un proceso de 16 años al 9% de arancel, pero hay algo fundamental, estamos hablando de un mercado de alta calidad, exigente y que importa más de 570.000 toneladas. De ese volumen, 300.000 toneladas son aportadas por Estados Unidos. Ese país no está dentro del CPTTP, no tiene acuerdo firmado con Japón y vamos a tener 300.000 toneladas en las mismas condiciones para competir con EE.UU.”, dijo Camarosano.

A su vez, recordó que las carnes uruguayas, coyunturalmente, pagan aranceles más altos que los de Japón en otros mercados. “A la Unión Europea se exporta carne dentro de la cuota 481 (para animales a granos), cupo Hilton (para animales a pasto), cupo OMC/Bilan y fuera de cuota se paga 20% más 3.000 euros por tonelada”.

Por eso advirtió que “si calculamos el promedio al que se exporta, estamos pagando más del 40% de arancel en la Unión Europea y competimos. Quiero decir que un mercado exigente (por Japón), con precios promedio de más de US\$ 7.000 por tonelada, un 38,5% que tenemos de arancel, comparado con los 26% o 29% de arancel de Australia —dependiendo de si es carne fresca, refrigerada o congelada—, el arancel se puede diluir”.

A su vez, confirmó que se prepara una misión para conseguir un mejor acceso de la carne y otros productos en Corea del Sur, otro de los mercados de alto valor que logró abrir Uruguay para sus carnes, pero que hasta el momento ha venido utilizando muy poco.

Stanham tras ingreso a Japón: “Ojalá agregue más valor a la cadena cárnica”

05/12/2018 - Uruguay logró reingresar a Japón después de 18 años.

El presidente del Instituto Nacional de Carnes (Inac), Federico Stanham, dijo, en conferencia de prensa, que la reapertura de Japón para la carne vacuna ofrece a Uruguay un mercado de importación “muy atractivo”, porque “se trata de un gran importador” que, además, “compra distintos tipos de productos”.

“Japón es un importante comprador de carne a nivel mundial que tiene una economía madura, un alto poder adquisitivo y un consumo del producto que tiende a aumentar”, explicó Stanham y resaltó: “Es bienvenido acceder a un mercado en crecimiento”.

Al mismo tiempo, Federico Stanham destacó la variedad de productos que compra el mercado japonés, algo que resulta “tremendamente importante” para Uruguay. “El animal produce un 10% de cortes finos y un 90% de cortes no finos y en nuestro país, que se exporta el 73% de lo que se produce, necesitamos mercados que sean atractivos en la demanda”, sumó.

Explicó que el mercado nipón ofrece oportunidades para la carne vacuna terminada a grano, a pasto, cortes finos y carne en bloque para procesar tipo hamburguesas. “Hay que echar la pelota a rodar y dar



cancha a los exportadores uruguayos que son muy eficientes en el desarrollo de los mercados. El tiempo dirá y ojalá que aporte más valor a la cadena cárnica uruguaya”

Exportación en pie de 2018 son las más altas de la historia cuando todavía falta diciembre

03 de diciembre de 2018 El empuje del primer semestre, más algunos negocios que se siguieron dando luego de la devaluación de la lira turca en agosto, llevaron a que las exportaciones de ganado en pie hasta noviembre ya superaran todo lo enviado en todo 2017.

De enero a noviembre se exportaron 383.700 animales en pie, 51.000 más (+15%) que los 332.359 del 2017 y 1133.209 más (+42%) que los 270.491 del mismo período del año pasado. Del total, el 88% tuvo como destino a Turquía.

En noviembre, Olkany y Gladenur fueron las dos empresas con actividad. Se registraron solicitudes de exportación por 30.755 animales en pie con Turquía (25.850) y Egipto (4.905) como destinos, por un total de US\$-FOB 18,1 millones. Comparado con el mismo mes del año pasado fueron 6.893 animales menos (-29%).

De acuerdo a los datos de Aduanas, los embarques de Gladenur a Turquía se hicieron a un valor promedio de US\$ 650 por cabeza y los de Olkany a US\$ 575, mientras que los envíos de Olkany a Egipto a un valor de US\$ 560.

Buscan mejorar acceso cárnico en COREA DEL SUR

05/12/2018 - La meta es poder entrar también con trimming y bloques.

“El gobierno, a través de los ministerios de Relaciones Exteriores y de Ganadería, Agricultura y Pesca, tiene en agenda mejorar la colocación de productos cárnicos en Corea del Sur”, dijo el presidente del Instituto Nacional de Carnes, Federico Stanham. Añadió que ese mercado está abierto solo para cortes anatómicos, por lo que existen gestiones a fin de aumentar la cantidad de la oferta y rebajar los aranceles. “Corea del Sur, si bien está abierto, más allá de los aranceles que alcanzan al 40%, está abierto para un tipo de corte solamente, que es el anatómico, es decir, una bola de lomo, una aguja o un peceto. No va el bloque o recortes de carne (trimming) por temas sanitarios, puesto que esas fueron las condiciones de ingreso que se consiguieron”, enfatizó Stanham en entrevista con la página de Presidencia de la República.

El jerarca consideró que “hay un paradigma que cuesta entender en el negocio de la carne: los cortes valiosos son solo el 10% del animal y entre la Unión Europa, Suiza, Estados Unidos y algo en otros mercados, se terminan. Nosotros necesitamos acceso para todo el resto del animal”, consideró el titular de INAC.

En ese sentido, recordó que el gran volumen que se coloca es destinado a procesar, básicamente para carne picada y hamburguesas.”En Corea del Sur, el mercado de carnes para procesar es importante, lo mismo que en Japón. Entonces, nos falta esa porción de mercado que quizás nos permitiría tomar más en cuenta ese destino, porque podríamos colocar más productos”, explicó.

“En la agenda del gobierno está trabajar un acuerdo comercial entre Corea del sur y el Mercosur; está en instancia de conversaciones. Si logramos mejorar la posición arancelaria bajando ese 40%, se haría más fácil la colocación de cortes anatómicos y del resto. La agenda sanitaria con ese país asiático es relevante”, subrayó el presidente del Instituto Nacional de Carnes.

PARAGUAY

Avanzan gestiones para exportar carne a EE.UU.

04 de Diciembre de 2018

Paraguay está a punto de completar los informes requeridos por los Estados Unidos referentes a la habilitación del mercado de la carne y así ya se podría concretar la exportación de la proteína roja en el primer semestre del 2019.

El presidente de la Cámara Paraguaya de Carnes (CPC), Juan Carlos Pettengill, comentó que están trabajando arduamente con el Senacsa, a fin de tener todo a punto y completar los informes requeridos por el mercado estadounidense para exportar carne.

Manifestó que el organismo sanitario estadounidense envió a nuestro país un cuestionario de 60 páginas. “Nosotros contratamos unos consultores norteamericanos por dos semanas para ayudarnos a completar y ya tenemos casi todo listo. Una vez que se termine de completar esta semana se enviarán los documentos al Departamento de Agricultura y de ahí vamos a esperar la fecha para visitar las plantas y la posterior habilitación del mercado americano”, expresó.

Ayer a la mañana, autoridades y técnicos del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa) se reunieron con representantes del Foreign Agricultural Service (FAS) del Departamento de Agricultura de los Estados Unidos.



Se trata de Javier Pérez, especialista en economía, política y economía de sección; María Julia Balbi, agricultural specialist, y Melinda Meador, agricultural counselor. Todos ellos destinados a cumplir funciones en los países de Argentina, Uruguay y Paraguay.

En el organismo sanitario estatal informaron que los mismos se mostraron interesados en los resultados de la consultoría que había hecho la empresa HACCP Consulting Group a plantas frigoríficas de nuestro país en la primera quincena de noviembre pasado. Se trata de los doctores Robert Savage y Lynn Hodges.

Respecto a la presencia de miembros del Departamento de Agricultura de los Estados Unidos ayer en el Senacsa, Pettengill señaló que los mismos también están cooperando a fin de contestar adecuadamente el cuestionario en el transcurso de esta semana.

“Hay buenas perspectivas (de habilitar la exportación de carne paraguaya al mercado de Estados Unidos) para el primer semestre del año 2019”, apuntó Pettengill.

Exportación de carne, con una leve reducción de 2% | Rusia sigue siendo nuestro principal mercado

29 de Noviembre de 2018 La exportación de productos cárnicos a octubre de 2018 sufrió una disminución del 2% comparando con el mismo periodo (enero a octubre) de 2017, según el informe del Senacsa. Rusia sigue siendo el principal comprador de nuestra carne, tanto bovina como aviar y porcina.

Del 1 de enero al 31 de octubre de este año se exportaron un total de 399.354 toneladas de carne bovina, porcina y aviar y sus derivados, 2% menos que en el mismo periodo de 2017, cuando el volumen fue de 407.514 toneladas, señala el informe divulgado ayer por el Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa).

Al 31 de octubre de este año, los envíos de las tres variedades de carnes y sus derivados generaron para nuestro país el ingreso de US\$ 1.172 millones. En el mismo periodo del año 2017, los envíos de carnes y derivados al exterior permitieron ingresar al Paraguay US\$ 1.167 millones.

Los primeros 10 mercados externos de la carne bovina paraguaya, según el registro de Senacsa, son: Rusia, que compró 99.486 toneladas en el citado período; Chile, 56.820; Brasil, 12.300; Vietnam, 11.714; Israel, 8.522; Taiwán, 6.331; Kuwait, 3.802; Líbano, 1.922; Uruguay, 1.796, y Kazajistan, 1.756 toneladas.

En cuanto a la menudencia bovina, se exportaron 15.631 toneladas a Rusia de enero a octubre; Vietnam, 8.180; Hong Kong, 4.820; Gabón, 2.432 toneladas. También hubo envíos al Congo, Perú, Israel, Jordania, Colombia, Kosovo y Angola, entre otros países.

Nuevos mercados para la carne

5 de diciembre de 2018

La Mesa de Alto Nivel de la Carne, instancia que integran sectores público y privado, acordó dar un fuerte impulso a la exportación de este producto, constituir el Instituto Paraguayo de la Carne, entre otros puntos. El titular de la Asociación Rural del Paraguay (ARP), Luis Villasanti, dijo que fue una reunión auspiciosa de cara al desafío que tienen, de que el producto estrella sea conocido en los mejores mercados. La reunión se desarrolló el lunes último, en sede del Ministerio de Relaciones Exteriores. Asistieron además de representantes de la ARP, los de Cancillería, MAG, MIC, Senacsa y Cámara Paraguaya de Carnes.

Consultado respecto al encuentro, el titular de la ARP dijo que se habló de trabajar juntos todos los sectores involucrados para lograr la apertura de nuevos mercados. Para ello harán viajes a fin de promocionar la producción cárnica y consolidar la marca registrada de la carne paraguaya como tiene actualmente la Cámara de Carnes: “Carne Verde”.

El canciller Luis Castiglioni pidió sinceridad, hablar sin trabas, a fin de lograr los objetivos. Informó del interés que tienen Japón y Turquía por la carne. Igualmente citó la pronta apertura de cuatro mercados importantes para la carne, como Estados Unidos, Hong Kong, Singapur y Canadá, y a mediano plazo Japón y Corea. “Estoy muy contento. Tuvimos auspiciosa reunión frente al desafío que tenemos, de que la carne local sea conocida a nivel mundial y que entremos a los mercados premium”, acotó Villasanti.

CHILE está saturada de carne

07 de diciembre de 2018 Según informe de la Comisión de Carne de la Asociación Rural del Paraguay (ARP), Chile dejará de comprar carne por un breve tiempo porque está saturada del producto.

Actualmente el país trasandino adquiere carne bovina de Brasil, Paraguay y Argentina. Casi la mitad de la proteína consumida en ese país proviene de Brasil, refiere el informe que cita como fuente a Fax Carne. El informe señala que esa situación “complica a todos los actores de la cadena”. Los importadores están más ocupados y preocupados en estos días en que la mercadería arribe en tiempo y forma, antes que cerrar nuevos contratos para la llegada en enero de 2019, apunta.



Destaca que la carne brasileña sigue ganando terreno en el mercado chileno y que los envíos de carne vacuna al país trasandino por parte del Brasil casi se ha duplicado este año. Eso significa que Chile es ahora tan importante como toda Europa para los exportadores brasileños.

En cuanto al mercado de Rusia, el informe del organismo técnico de la ARP señala que los sondeos que están llegando de los importadores rusos para las primeras compras de 2019 continúan lejos de las aspiraciones de la industria cárnica paraguaya.

Precio novillo Mercosur

Por otra parte, la página Valor Carne menciona retrocesos que van del 0,5% al 4%, en cuanto a precios de novillos entre los países del Mercosur. Se repite la tendencia marcada hace diez días, señala.

En el caso de Uruguay y Paraguay, la oferta condiciona los valores, mientras que el tipo de cambio influye en la Argentina y Brasil.

Con relación a nuestro país, refiere que el novillo terminado apto para Europa perdió 3 centavos (1%) para aterrizar en US\$ 3,15. La oferta permite a la industria seguir presionando para bajar las cotizaciones.

En Uruguay, el novillo terminado mostró una desvalorización de 13 centavos (4%), para finalizar en US\$ 3,27; en Brasil, el novillo gordo bajó en menos de 2 centavos (0,5%) hasta los US\$ 2,56; en Argentina, el novillo pesado apto para Hilton perdió 11 centavos (4%), para cerrar en US\$ 2,55.

A modo de referencia, los valores del novillo por kilo carcasa en dólares estadounidense se cotizan así: Unión Europea 4,46; EE.UU. 4,02, y Australia 3,68.

La raza Brangus representa más del 40% del rodeo vacuno de Paraguay

03/12/2018 Productores destacan características de la raza y trabajos en mejoramiento genético en el país.

Asunción, El Agro | La raza bovina Brangus lidera el registro de animales por año según datos de la Asociación Rural del Paraguay. La Sociedad de Criadores informó que “se debe a que cada día gana más adeptos gracias a su plasticidad y potencial carnicero, principales características que la llevan hoy a tener un alto porcentaje del hato total nacional”.

Además entienden que este crecimiento es prueba del trabajo en mejoramiento genético, capacitación y preparación de los productores.

Brangus representa el 40% de la población total del hato bovino en Paraguay, de las 13.500.000 cabezas de ganado a nivel nacional, según datos proveídos por el Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), 5.400.000 son de la raza Brangus, esta cantidad se estima a raíz de las informaciones obtenidas de la importación de pajuelas, medidas por la mencionada institución gubernamental y por Registros Zootécnicos de la Asociación Rural del Paraguay (ARP) y con referencia a faena por la empresa certificadora Control Union.

En lo que va de este año, de enero a octubre, el departamento encargado de la ARP informó que suman unos 6.799 animales registrados, aportando más cantidad de hacienda Brangus a nivel nacional, liderando en cantidad de animales inscriptos en comparación con otras razas. La tendencia es que al cierre de este 2018 se incremente aún más los registros de animales de la raza.

Al respecto, el titular de la Asociación de Criadores de Brangus del Paraguay (ACBP) Joaquín Clavell, expresó la satisfacción que sienten como gremio ante el crecimiento sostenido experimentado y la aceptación de los productores en adquirir esta herramienta de trabajo.

Sobre las faenas en los diferentes frigoríficos del país, de la misma forma presenta un panorama positivo de aumento. Datos otorgados por la entidad certificadora Control Union indican que en lo que va del año se faenaron un total de 547.124 cabezas en los periodos comprendidos de enero a octubre 2018, cifra que subirá para finales del año.

Clavell señaló que la asociación se encuentra comprometida con el crecimiento y difusión de la raza en todo el territorio paraguayo: “El Brangus es una herramienta de trabajo útil y eficaz, desde la ACBP buscamos otorgar al productor servicios y beneficios para acompañarlo en el desarrollo agropecuario, con el objetivo de mejorar continuamente”.

La carne Brangus, además del mercado local, se exporta a diversos países como Brasil, Ecuador, Chile, Perú y también va para varios restaurantes de hoteles en Taiwán. Hoy la ACBP cuenta con más de 500 socios e invita a más productores formar parte de la misma. UNIÓN EUROPEA

ESTADOS UNIDOS

Casa Blanca: CHINA sera importante comprador de productos agropecuarios estadounidenses

Associated Press December 1, 2018 BUENOS AIRES, Argentina (AP) — The United States and China reached a 90-day ceasefire in a trade dispute that has rattled financial markets and threatened world economic growth. The breakthrough came after a dinner meeting Saturday between President Donald Trump and Chinese leader Xi Jinping at the Group of 20 summit in Buenos Aires.



Trump agreed to hold off on plans to raise tariffs Jan. 1 on \$200 billion in Chinese goods. The Chinese agreed to buy a "not yet agreed upon, but very substantial amount of agricultural, energy, industrial" and other products from the United States to reduce America's huge trade deficit with China, the White House said.

The truce buys time for the two countries to work out their differences in a dispute over Beijing's aggressive drive to supplant U.S. technological dominance.

In another long-sought concession to the U.S., China agreed to label fentanyl, the deadly synthetic opioid responsible for tens of thousands of American drug deaths annually, as a controlled substance.

The White House announcement framed a victory for Trump and his unflinching negotiating tactics, securing a commitment from China to engage in talks on key U.S. economic priorities, with little obvious concession by the U.S. Notably, however, the White House appears to be reversing course on its previous threats to tie trade discussions to security concerns, like China's attempted territorial expansion in the South China Sea.

"It's great the two sides took advantage of this opportunity to call a truce," said Andy Rothman, investment strategist at Matthews Asia. "The two sides appear to have had a major change of heart to move away from confrontation toward engagement. This changes the tone and direction of the bilateral conversation."

The Trump-Xi meeting was the marquee event of Trump's whirlwind two-day trip to Argentina for the G-20 summit after the president canceled a sit-down with Russian President Vladimir Putin over mounting tensions between Russia and Ukraine. Trump also canceled a Saturday news conference, citing respect for the Bush family following the death of former President George H.W. Bush.

Trump said Bush's death put a "damper" on what he described as a "very important meeting" with Xi.

The United States and China are locked in a dispute over their trade imbalance and Beijing's tech policies. Washington accuses China of deploying predatory tactics in its tech drive, including stealing trade secrets and forcing American firms to hand over technology in exchange for access to the Chinese market.

Trump has imposed import taxes on \$250 billion in Chinese products — 25 percent on \$50 billion worth and 10 percent on the other \$200 billion. Trump had planned to raise the tariffs on the \$200 billion to 25 percent if he couldn't get a deal with Xi.

China has already slapped tariffs on \$110 billion in U.S. goods.

Under the agreement reached in Buenos Aires, the two countries have 90 days to resolve their differences over Beijing's tech policies. If they can't, the U.S. tariff increases will go into effect on the \$200 billion in Chinese imports.

U.S. officials insist that the American economy is more resilient to the tumult than China's, but they remain anxious of the economic effects of a prolonged showdown — as Trump has made economic growth the benchmark by which he wants his administration judged.

A full-blown resolution was not expected to be reached in Buenos Aires; the issues that divide them are just too difficult.

Growing concerns that the trade war will increasingly hurt corporate earnings and the U.S. economy are a key reason why U.S. stock prices have been sinking this fall.

Presidentes Xi y Trump acuerdan cese a la Guerra comercial

Bloomberg December 1, 2018 (Bloomberg) -- U.S. President Donald Trump and Chinese President Xi Jinping agreed to keep their trade war from escalating with a promise to temporarily halt the imposition of new tariffs, Chinese state-run TV reported, as the world's two largest economies negotiate a lasting agreement.

The truce between the U.S. and China emerged after a highly anticipated dinner Saturday between Trump and Xi on the sidelines of the Group of 20 summit in Argentina. As part of the understanding reached between the two leaders, no additional tariffs will be imposed after Jan. 1, CGTN, a Chinese state-run television network reported.

Investors have been eager for signs of a progress toward keeping an already costly trade dispute from spiraling into a new and broader cold war. White House economic adviser Larry Kudlow said that the meeting went "very well" in a brief comment to reporters as the Trump delegation left Buenos Aires for Washington.

The meeting ran longer than scheduled, ending after more than two hours, the White House said but had no other immediate comment. A person who wasn't in the room for the dinner but helped with the preparations said afterward that it was encouraging that the meeting went long than scheduled, adding that U.S. signals to reform the World Trade Organization may have stepped up the pressure on China to cooperate.

At the start of the dinner, Trump struck an optimistic note.

"My relationship is very special, the relationship that I have with President Xi," Trump said as the two men were seated. "This is going to be a very primary reason why we are probably going to be ending up getting something that will be good for China and good for the United States."



Through a translator, Xi said that “only with cooperation between us can we serve the interest of global peace and prosperity and that is why I look forward to this meeting.”

The meeting was the first face-to-face encounter between the leaders in more than a year, a period that saw Trump impose tariffs on billions of dollars in Chinese imports in a bid to force Beijing to halt trade practices the U.S. considers unfair. Trump has said that while he was eager to strike a deal with Xi, a disappointing outcome could prompt more U.S. tariffs.

Adding to that uncertainty was the roster of senior advisers joining Trump -- including China hawk Peter Navarro, who penned the book “Death By China” and heads a special trade policy office within the White House. The last time Navarro met with Chinese officials, he started a shouting match with Treasury Secretary Steven Mnuchin while still in Beijing, and his presence on Saturday risks sowing friction with China.

Mnuchin, along with Kudlow, have sought to strike a more conciliatory approach toward China. The Treasury chief attended the dinner, too.

Among the key U.S. demands articulated by Kudlow and other officials are a halt in what the administration calls widespread intellectual property theft and forced transfer of technology by China. If the two sides fail to reach a deal, Trump said he will also impose tariffs of either 10 percent or 25 percent on the remaining \$267 billion in annual U.S. trade with China.

On Friday, Trump projected optimism that his “big meeting” with Xi would be fruitful, saying that he saw “some good signs” as his staff continued to negotiate with Chinese officials.

Any easing of tensions on trade could ease gains in the U.S. dollar and boost riskier assets including emerging-market currencies and stocks, though investors and analysts agree that the U.S. and China are trying to fix a long-term problem that cannot be solved in one dinner.

U.S. and Chinese officials have been working for weeks on the contours of a possible deal for the two leaders to announce, including an agreement that could set a road map for talks to follow.

Wang Xiaolong, a Chinese Foreign Ministry official, sounded a positive tone before the dinner.

“I hope and believe this meeting, under the current situation, will achieve an important and positive effect on bilateral relations,” Wang, the director general of the department of international economic affairs, told reporters. “As long as everyone can adopt an attitude of mutual respect and equality, constructive dialogue will be able to reduce our differences.”

The dinner was moved up by about an hour after U.S. leader’s schedule opened up on Saturday. He had already canceled a planned meeting with Russian President Vladimir Putin, and then scrapped an afternoon press conference out of respect for the family of former U.S. President George H.W. Bush, who died late Friday night.

Other attendees on the U.S. side included Secretary of State Michael Pompeo, U.S. Trade Representative Robert Lighthizer, National Security Adviser John Bolton and Trump’s son-in-law, Jared Kushner, who’s a senior adviser to the president.

Efectos concretos demorarán

December 3, 2018 The cease-fire between the U.S. and China sent soybeans higher, with prices ending the day up double digits. Purdue University agricultural economist Wally Tyner said the meeting Saturday night was a step in the right direction.

“I think it’s a meaningful process in the sense that it limits the escalation,” said Tyner.

That escalation would have manifested in a tariff on all \$267 billion worth of Chinese imports of 25 percent, up from the current 10 percent. The threat is now on hold after President Donald Trump and his Chinese counterpart Xi Jinping agreed to a 90-day window to negotiate a permanent cease-fire to the trade war.

“In that sense it’s good, but it doesn’t do anything about the tariffs that are already in place, and that’s the concern,” said Tyner.

The White House touted over the weekend and again on Monday that China will immediately start buying U.S. agricultural goods. However, agricultural economists like Tyner warn with tariffs still in place, that may not be a reality anytime soon.

“I don’t think there’s going to be a rush to buy U.S. products,” said Tyner. “On the other hand, it’s pretty clear now that Brazil and Argentina cannot supply all of the Chinese needs. Saying that they’re [China] going to start buying U.S. products may just be a recognition of the reality that they have to buy some product, but it’s not going to be a large amount.”

Tyner said the U.S. is still going to see a reduction in total demand; the extent of that demand loss is still unknown. He said some other countries are coming to the market to buy U.S. soybeans, eating up some of the lost demand, but he said it’s not to the extent it would have been without the trade war with China.

With soybean exports struggling, time is running out in the typical export window to ship beans to China before the Brazilian crop comes online. Tyner said even if exports resume today, he’s doubtful the U.S. can export to the level it saw before tariffs were put into place.



"I don't think, in soybeans, we can make up the lost ground," said Tyner. "Our estimate was that the total loss and demand for the U.S. would be about 29 percent. I think that's still a good number - it could go up or down – but what we need is a long-term settlement."

Tyner said he is watching what happens in the next 90 days closely. That's the timeline the Trump Administration has given for the two sides to work through issues. If something isn't resolved in the next 90 days, additional tariffs could be put into place.

"We need, during this 90-day period, to negotiate a long-term settlement that deals with the major issues - theft of intellectual property rights and the like- and gets rid of the tariffs on both sides," said Tyner. "That's what we can hope for the longer term."

NAFTA firman renovación

Trump anuncia que llevará al Congreso un proyecto para su eliminación

Bloomberg December 1, 2018 (Bloomberg) -- President Donald Trump said he would soon tell Congress of plans to terminate the existing North American Free Trade Agreement, a move that would give lawmakers a six-month window to ratify a new regional trade pact signed on Friday between the U.S., Canada and Mexico.

"I will be formally terminating NAFTA shortly," Trump told reporters late Saturday aboard Air Force One as he returned from the Group of 20 summit in Argentina. "So Congress will have a choice" between the new deal, known as the U.S.M.C.A, or potentially no continental trade deal at all.

The threat, if enacted, would effectively remove a safety net from under the new trade pact's journey through Congress. It needs to be ratified by lawmakers in the three countries, and in the U.S., it will almost certainly be taken up by the next Congress, where Democrats will have a majority in the House starting in January. Some Democrats are warning they may not be satisfied by the terms.

Trump's statement may also be a bluff -- or prove harder than he thinks. Under terms of the existing 1994 NAFTA pact, the president can give six-months' notice of withdrawal, though it's not binding. U.S. lawmakers have, however, said Congress would still need to repeal NAFTA's legislation to fully kill it.

Trump, Canadian Prime Minister Justin Trudeau and outgoing Mexican President Enrique Peña Nieto signed an authorization for the deal on Friday morning in Argentina on the sidelines of the G-20, with their ministers signing it shortly after.

Trump announced his intentions on NAFTA hours after meeting with Chinese President Xi Jinping for dinner in Buenos Aires and reaching a truce in their escalating trade war.

Some U.S. lawmakers, both Democrats and Republicans, have called for changes to the pact, though Trump's trade czar has expressed confidence it will pass.

"The negotiations are not going to be reopened, right? The agreement's been signed. We still have to put together an implementing bill, so there are things that we can do," U.S. Trade Representative Robert Lighthizer told reporters Friday in Buenos Aires. He said he was in talks already with Democrats, and appeared unfazed. "We'll get the support of a lot of Democrats, a very high number of Democrats. Absolutely, just no doubt about it."

Pelosi View

On Friday, Trump expressed optimism about getting the deal blessed by U.S. lawmakers. "I look forward to working with members of Congress," he said. "It's been so well reviewed I don't expect to have much of a problem."

Nancy Pelosi, the Democratic leader in the House, called the agreement "a work in progress" in a statement released on Friday evening. "We are waiting to see enforcement provisions relating to workers and the environment," she said.

Andres Manuel Lopez Obrador took office as Mexico's president on Saturday; his Morena party, which with its allies holds a majority in Mexico's Senate, could also seek revisions. Incoming Mexican Foreign Minister Marcelo Ebrard, hosting a dinner for American visitors at Lopez Obrador's inauguration, declined to comment on the news Saturday night.

Trudeau has a majority in Canada's House of Commons, leaving a clear path to pass a deal, but faces an election in October.

NCBA satisfecha por la firma de la renovación del NAFTA

03 December 2018 US - Last Friday, the leaders of the United States, Mexico, and Canada signed the US-Mexico-Canada Agreement (USMCA) on the sidelines of the G-20 meeting in Argentina.

"The agreement brings the trading relationship with our neighbors into the 21st century – and clearly rejects the failed beef and cattle trade policies of the past."

NCBA President Kevin Kester

The USMCA maintains unrestricted, duty-free trade for beef and cattle in North America. It also maintains science-based trade standards.



All three countries must complete their own domestic processes before the USMCA comes into force. In the US, Congress will need to pass legislation to implement the deal.

The US International Trade Commission is currently conducting an investigation into the likely impacts of USMCA.

Texas rancher and NCBA member Kelley Sullivan participated in the public hearing to explain how the agreement will benefit US producers.

National Cattlemen's beef Association (NCBA) President Kevin Kester issued a statement in response to the signing of the USMCA, in which he said, "With the signing of the US-Mexico-Canada Agreement (USMCA), US beef producers are one step closer to knowing that unrestricted, science-based trade will continue in North America.

"The agreement brings the trading relationship with our neighbors into the 21st century – and clearly rejects the failed beef and cattle trade policies of the past.

"Open markets have helped US producers flourish and created billion dollar markets for US beef. We look forward to working with Congress to get USMCA passed into law as quickly as possible."

Impacto de MÉXICO sobre la oferta de animales para engorde

December 5, 2018 11:14 AM Mexico historically has been an important source of feeder cattle for U.S. cattlemen, with feeder calf imports of approximately 1 million head a year since the mid-1980s. Imports grew from 702,000 head in 2008 to their peak in 2012 at 1.44 million head. The largest portion of Mexican cattle imports typically enter the U.S. as feeder calves between 200-700 lbs. Lightweight calves are backgrounded to gain additional weight before entering U.S. feedlots. These Mexican feeder cattle contribute to cattle on feed placements at varying amounts throughout the year.

2018 feeder cattle imports from Mexico through the month of October total 898,000 head, a 5 percent increase over the same period in 2017. Feeder cattle imports over the last 5 years, have been highest in the months of November and December and typically drop off in January. Many of these lightweight calves are turned out in fall on wheat pasture for approximately 120 days before being pulled off and entering feedlots in March and April. Feeder cattle imports from Mexico reach a second smaller peak in March and April before dropping off to their yearly lows in the months of August and September.

U.S. cattle on feed placements through October are at 19.5 million head. Placements are down less than 1 percent for the same period in 2017. Cattle on feed placements have been at their lowest points in June and July over the last 5 years and have been at their highest in the month of October. This October followed the yearly pattern with the highest placements of 2018 to date, at 2.2 million head.

We estimate Mexican feeder cattle to account for approximately 5 percent of monthly cattle on feed placements over the last 5 years. Assuming a constant lag of 4 months between when the cattle are imported and when they are placed, Mexican feeder cattle make up the largest percentage of feedlot placements in the month of April, when overall placements are low. This lag time between importing and placement can vary depending on grass conditions and the weight cattle are placed; however even with varying lag times, spring still sees the greater percentage of Mexican placements. In April 2018 the percentage of cattle on feed placements made up by Mexican imports was as high as 11 percent (assuming a 4 month lag), the highest of any month since January 2014. Low cattle on feed placements in April 2018 coupled with high feeder cattle imports in December of 2017, contributed to the largest percentage of cattle on feed placements in the last 5 years.

With 2018 imports from Mexico on pace to be 5% over last year, and the traditionally large imports in November and December still coming, placements of Mexican feeder cattle will continue to contribute additional placements into 2019.

The Markets

At the conclusion of the G20 summit in Argentina, President Trump and Chinese President Xi Jinping agreed on a 90 day delay before the US implements the increase of the current 10% tariff of Chinese goods imported into the US to the proposed 25% tariff. China agreed to lift trade barriers on U.S. products, including agricultural goods. Corn and soybean price increased Sunday night. The increase in grain and oilseed prices is occurring right as farmers are buying inputs for the coming year.

Livestock prices also increased when trade opened on Monday, but declined as the day went on. Trade talk and strong outside markets is helping support livestock prices. Fat cattle prices were slightly stronger last week on light trade.

MARRUECOS habilitó las importaciones de carne bovina de EE.UU.

03 December 2018 Documentation requirements and other details are posted in the USDA Food Safety and Inspection Service Export Library for Morocco. Exporters with questions may email Travis Arp or call 303-623-6328.

The United States has a free trade agreement with Morocco and can therefore export beef at zero duty, within tariff rate quotas.



The duty-free quota volume for USDA Choice or Prime beef cuts is 6,404 metric tons (mt) for this year and 6,660 mt in 2019.

The quota volume for other beef cuts and variety meat is 2,343 mt this year and 2,390 mt in 2019.

All duties on US beef will be phased to zero by 2023, but Morocco's out-of-quota duties are currently extremely high at 275 per cent. Therefore, US beef should have an advantage over competitors.

Through September, Morocco's 2018 beef imports were mainly from the European Union (1,894 mt, +10 per cent year-over-year, mostly frozen boneless beef, valued at \$9.8 million), Argentina (680 mt, -70 per cent, mostly frozen bone-in and boneless beef, valued at \$2.9 million) and Brazil (207 mt, -11 per cent, mostly frozen boneless beef, valued at \$900,000).

The EU is currently negotiating a free trade agreement with Morocco.

AUSTRALIA Acceso a mercados: Prioridades

05 December 2018 With the European Union (EU) and the United Kingdom (UK) navigating a messy Brexit divorce and the United States (US) and China locked in a trade war, Australia is facing a challenging global trade environment.

Amid the disruptions, MLA remains focused on working closely with industry stakeholders and the Australian Government to turn road blocks into opportunities in export markets and address both tariff and non-tariff trade barriers.

Australia's market access priorities

The EU and UK are key potential markets in terms of improving our market access, and the US and China are important customers for Australian red meat.

One of our key market access priorities is with the EU. Top of mind is defending our grainfed beef access, which is under threat from the US which is wanting to carve out the majority of the 45,000 tonne quota for US beef. We're also seeking to improve our long-term access arrangements with the EU for both beef and sheepmeat/goatmeat via the Australia-EU Free Trade Agreement (FTA) – and encouragingly, those negotiations have commenced.

Secondly, we're working to avoid any detrimental impacts resulting from Brexit. It's possible that our beef and sheepmeat quotas into the EU could be split between the UK and EU, making our current small quotas even smaller and reducing our flexibility to trade around Europe. This accompanies our efforts to be in the first tranche of countries to strike an FTA with the UK – once the UK is in a position to commence bilateral trade negotiations. Our ongoing effort in the EU and UK will build on the significant gains in market access the Australian red meat industry has already secured, particularly through the trifecta of FTAs with South Korea, Japan and China.

Free Trade Agreement overview

The value of these FTAs should not be underestimated. To quantify this, these three FTAs are estimated to be worth \$20 billion over the next 20 years – that's \$1 billion in extra value just by removing the tariff impost on our products.

To break that down even further, the China-Australia FTA (ChAFTA) alone is underpinning beef prices by about 8c/kg and sheepmeat prices by 13–26c/kg.

These FTAs have helped provide Australia with a clear preference over just about every other beef exporter in the world, giving us access into markets that some of our competitors don't have. Our closest competitor in terms of favourable global access is New Zealand.

Our industry will enjoy even greater market access when the long-awaited Comprehensive and Progressive Agreement for the Trans-Pacific Partnership (CPTPP), or TPP-11, comes into force on 30 December this year. It will add significant value to the Australian red meat and livestock industry by creating new export opportunities.

On offer via TPP-11 is free access (after an implementation period) into Canada and Mexico (where Australia does not have existing bilateral FTAs); Peru (pending finalisation of protocols); and even further tariff reductions for beef into Japan (beyond our existing Japan-Australia Economic Partnership Agreement outcomes), which will ultimately see tariffs reduced to 9%. This reduction of tariffs by Japan will place Australia well ahead of the US, our major competitor in the market, as US beef will remain on a 38.5% tariff unless an FTA is struck between the US and Japan, or the US re-joins the CPTPP.

Ongoing challenges and opportunities

Many of these achievements have been achieved through the advocacy implemented via industry's Market Access Program, which is jointly funded by producer levies matched with processor contributions.

While progress has been made in reducing tariffs, there's an ongoing challenge in addressing non-tariff barriers (NTBs) to trade – which have been increasing in incidence on a global basis.

The impact of NTBs on Australian sheepmeat, beef and goatmeat industries has been estimated (via industry research conducted in 2016) to be around \$3.4 billion per annum in unrealised or lost value.

On the upside, we have chalked-up some gains in alleviating this impact. In Indonesia, for example, we now have access for secondary beef cuts and offal, which were previously banned items. We've also seen



some gains via the extension of shelf-life provisions in the Middle East and most recently Iran for high-value chilled product.

Looking at future reform efforts, we still have about \$1.6 billion in future value to reap out of FTAs, while in terms of NTBs, we have set our sights on capturing more of the remaining \$2.4 billion in impact value.

Industry's other targets going forward include successfully securing benefits from the ongoing Regional Comprehensive Economic Partnership negotiations, which has great potential for Australian sheepmeat exports into India, and an FTA with the Gulf Cooperation Council (GCC), to address tariffs and the costs associated with certification into the Middle East.

Future markets we have identified include Taiwan, which is the missing piece in our North Asia markets, and potentially South Africa.

CHINA: efectos de la difusión de la peste porcina sobre el mercado mundial de carnes rojas

05 December 2018

As previously reported, China has been the leading growth market for Australian beef and sheepmeat exports – as has been the case for other major exporters in 2018.

At the core of this strong import growth is a swelling class of consumers that can afford to eat an increased volume and quality of red meat, along with the inability of the domestic industry to meet this demand, particularly for meat of the highest quality and food safety standards.

Over the past 12 months ending October, Australian beef and sheepmeat exports to China had increased 53% and 47% respectively (in contrast, total exports to all markets had increased 10% and 13% for the respective proteins). Meanwhile, beef exports from Brazil, Argentina and Uruguay increased 47%, 112% and 10% respectively over the 12 months ending September (Uruguay recorded weaker growth as it has approached supply constraints).

New Zealand beef and sheepmeat exports to China also both increased 35% over the 12 months to October. Shipments from North America to China remain limited due to China's strict ban on beef treated with HGP, while the US-China beef trade, still in its infancy, has been caught in the cross hairs of the unfolding trade war.

African Swine Fever continues to spread

African Swine Fever (ASF) has continued to spread since the highly infectious disease was first confirmed in Liaoning province in early August 2018. As highlighted below, it's now been recorded across most major pork producing regions. While the speed of spread may have slowed, following restrictions on moving pigs out of infected regions, the full eradication of the disease in an industry made up of 26 million small-scale farmers, presents a monumental challenge for the Chinese government. As at 22 November, it was estimated around 600,000 pigs had been culled through eradication programs.

Given the timing of the ASF outbreak, it's unlikely to be a driver of the growth in the aforementioned beef and sheepmeat trade throughout 2018. For instance, pork imports, where the market would first react, have failed to significantly increase. In reality, Brazil regaining access to China in 2015 and Argentina liberalising exports in 2016 have played a far greater role in supporting growth of China beef imports to date.

However, if the disease continues to spread and culling puts a large enough dent in production, or confidence is rattled enough for some to reduce domestic pork consumption, there will be increased demand for imported meat protein. Crunch time will be the upcoming peak consumption period of the New Year and Spring Festival holidays in February.

Given price points and ability to substitute, pork shortfalls will likely be first reflected in the poultry and imported pork markets. So far in 2018, wholesale pork and poultry prices have averaged 22.32RMB/kg and 19.05RMB/kg, respectively, while beef and sheepmeat have averaged 64.81RMB/kg and 61.70RMB/kg (Source: Ministry of Agriculture, PRC). However, while the strongest waves will be felt in the pork and poultry markets, if the impact is big enough it will have ripple effects for beef and sheepmeat (and ripples in the world's largest imported meat market can feel much larger for smaller players on the sideline).

The imported beef market in China has increased more than three-fold in four years (sheepmeat has recorded similar growth when compared over a seven-year period) due to underlying demand fundamentals that may slow but are not expected to reverse. While the magnitude, duration and impact of the outbreak is still unclear, ASF may only add further fuel to this growth.

EMPRESARIAS

Marfrig post-Keystone mira al negocio de las hamburguesas

03/12/18 - por Equipe BeefPoint Após anos lutando contra o endividamento excessivo, a brasileira Marfrig Global Foods, segunda maior produtora de carne bovina do mundo, sacramentou na última sexta-feira passada aquele que pode ser o passaporte para uma "nova era". Ao concluir a venda da subsidiária



Keystone à Tyson Foods, por US\$ 2,2 bilhões, a Marfrig reduziu sua dívida líquida de US\$ 4,2 bilhões praticamente pela metade.

A situação de caixa confortável e o baixo endividamento também abriram oportunidades. O Valor apurou que a Marfrig fez recentemente uma oferta pelos ativos de bovinos da BRF na Argentina e também propôs assumir a produção de hambúrguer da BRF no Brasil, que hoje é feita em Várzea Grande (MT) e passaria a ser terceirizada. Na prática, a Marfrig compraria os equipamentos da unidade. Procurada, a BRF não comentou. A Marfrig, por sua vez, diz que não comenta rumores de mercado.

A proposta foi bem recebida na BRF, mas ainda não está fechada disseram duas fontes.. Pelos termos da oferta, a Marfrig forneceria hambúrguer para a BRF, que é líder desse mercado no Brasil com as marcas Sadia e Perdigão. Inicialmente, a BRF não pretendia se desfazer de ativos no Brasil.

Para reduzir as dívidas, a companhia comandada por Pedro Parente colocou à venda as operações na Argentina, na Tailândia e na Europa. A intenção da BRF é angariar R\$ 3 bilhões com a venda dos negócios. Os bancos Bradesco BBI e Itaú BBA assessoram a BRF na operação.

Para a Marfrig, crescer em hambúrguer se tornou essencial, por ser mais rentável que a produção de carne bovina. Além da oferta pelos ativos da BRF, a Marfrig está investindo R\$ 90 milhões na construção de uma fábrica de hambúrguer Bataguassu, no Estado de Mato Grosso do Sul.

Nos EUA, onde controla a National Beef – o quarto maior frigorífico do país -, a Marfrig quer ampliar a produção de hambúrguer da megafábrica de Ohio, que deixará de ter o McDonald's como cliente exclusivo. Essa unidade tem capacidade para produzir cerca 90 mil toneladas ao ano, mas só ocupa 75% do total.

Em entrevista concedida ao Valor na sexta-feira para comentar a conclusão da venda da Keystone, o CEO da Marfrig, Eduardo Miron, não descartou a possibilidade de fazer pequenas aquisições. Na ocasião, a oferta pelos ativos da BRF no Brasil não foi tratada.

Questionado pelo Valor sobre o interesse da Marfrig no ativos da BRF na Argentina, o CEO da companhia evitou comentar transações específicas, mas não negou a possibilidade. O foco de eventuais aquisições da Marfrig, disse, são operações de industrializados à base de carne bovina. “[O ativo] pode estar na Argentina, no Uruguai. Onde nós acharmos ter retorno adequado, baseado naquele pilar de solidez financeira. Não descartamos”, argumentou Miron.

No caso da Argentina, o interesse da Marfrig mostra uma mudança de status. Em abril de 2016, a empresa vendeu ao fundo chinês Foresun três frigoríficos, ficando com apenas uma unidade no país sul-americano. À época, os frigoríficos amargavam perdas derivadas da taxação às exportações, medida adotada na gestão Cristina Kirchner que reduziu severamente o rebanho do país.

No entanto, o cenário agora é outro. Sob o governo do presidente argentino Mauricio Macri, as exportações foram estimuladas. “Com o câmbio [atual], a Argentina é uma operação rentável”, sustentou o CEO da Marfrig.

Parte dos ativos que a BRF tem na Argentina fazem muito sentido para a nova estratégia de crescimento da Marfrig. No país sul-americano, a BRF controla a Quickfood, uma companhia listada na bolsa de Buenos Aires. Dona da Paty, a marca líder em hambúrguer no Argentina, e de um abatedouro de bovinos, a Quickfood já pertenceu à Marfrig.

No fim de 2011, no entanto, a BRF vendeu parte das operações no Brasil à Marfrig e, em troca, ficou com a Quickfood. Entre janeiro e setembro deste ano, o faturamento da Quickfood totalizou 5,6 bilhões de pesos (o equivalente a US\$ 150 milhões).

Em relatório divulgado em julho, o Bradesco BBI estimou que a BRF gastou US\$ 112 milhões em 2011 para assumir a Quickfood. Na Marfrig, dinheiro não parece ser problema. Com a venda da Keystone, US\$ 1,4 bilhão entraram no caixa na última sexta-feira. Desse total, já usou US\$ 1 bilhão para quitar o empréstimo-ponte feito com Rabobank e Bradesco. Sobram, US\$ 400 milhões.

JBS nuevas apuestas a través de la marca Bordon

03/12/18 - por Equipe BeefPoint O gerente executivo de Alimentos Preparados da JBS Carnes, André Amorem, conta como a empresa está olhando esse mercado, os lançamentos preparados para esse nicho e qual o perfil do consumidor que está buscando.

Como a empresa enxerga o mercado single no Brasil e como participa do mesmo? Está crescendo? Em que patamar? Há uma região do País com maior potencial de consumo?

A JBS está sempre atenta às tendências de consumo e o mercado single possui um grande potencial de desenvolvimento e crescimento, especialmente para a área de alimentos preparados (prontos para consumo).

Esse perfil de consumidor – que busca produtos que ofereçam praticidade, conveniência e saudabilidade – tem crescido de forma mais significativa em grandes cidades, como São Paulo, Rio de Janeiro, Fortaleza, Recife, entre outras.

Qual a participação dos produtos destinados a esse tipo de consumidor nos negócios da empresa? Há lançamentos previstos?



Por se tratar de informação estratégica, não abrimos dados de market share. A empresa segue apostando neste segmento por meio de novos produtos, assim como na modernização do portfólio já existente. A Bordon, marca da JBS, acaba de lançar nova identidade visual e embalagem para a salada de maionese com frango e legumes.

Pronta para servir e agora em versão pouch de 170 gramas, o produto não precisa de refrigeração e é de grande versatilidade: pode ser usado como acompanhamento para refeições e até mesmo como petisco e recheio para wraps e sanduíches. Além disso, a marca também tem vários outros produtos voltados para esse segmento para as entradas servidas com drinques e sucos.

E para atender essa demanda latente e crescente por produtos de fácil preparo, além de cortes de carne já preparados, como carne moída em bandeja, a Friboi também possui produtos voltados para o segmento single com qualidade e receitas com toque de comida caseira, comercializadas prontas para o consumo.

Qual o perfil de consumidor que a empresa espera atingir com esses produtos?

Acreditamos que todos os tipos de consumidores, em algum momento de suas rotinas, vão precisar de um alimento que entregue, de forma combinada, conveniência, praticidade, qualidade e saudabilidade.

Dessa forma, temos realizado um forte trabalho no ponto de venda para esclarecer que a proteína bovina e de aves enlatada ou em embalagens pouch são tão convenientes quanto outras categorias, como a de pescados em conserva, por exemplo.

Qual importância do canal indireto e do varejo de vizinhança para as vendas desses produtos?

São canais fundamentais para essa categoria de produtos por serem comercializados, em sua maioria, em porções pequenas. O varejo de vizinhança contribui muito para a aproximação do consumidor com os nossos produtos, mas o e-commerce do varejo também tem desempenhado um papel muito relevante.

Gilberto Tomazoni: nuevo director ejecutivo del grupo brasileño JBS

06/12/2018 - Era CEO de Operaciones de JBS desde el año 2013.

El grupo JBS, el mayor productor mundial de proteínas rojas, nombró como Director Ejecutivo Global (CEO) de la compañía a Gilberto Tomazoni. Según José Batista Sobrinho, “estoy muy contento de que Tomazoni sea mi sucesor. Él vive la cultura de la compañía y tiene un profundo conocimiento de nuestro negocio en todo el mundo”.

El Ejecutivo recordó que Tomazoni, como director de operaciones, dirigió el departamento de JBS con “gran éxito” y “ahora dirigirá a la compañía en un nueva fase de su desarrollo”. Tomazoni, que asumirá el cargo de forma inmediata, ha sido Ejecutivo en JBS desde 2013 y tiene más de 35 años de experiencia en puestos de alto nivel en la industria alimentaria, según publicó Eurocarne.

“Estoy agradecido por la confianza depositada en mí por José Batista Sobrinho y la Junta Directiva. Junto con un equipo excepcional de 230.000 empleados en todo el mundo, me dedicaré a consolidar a JBS como una empresa global de alimentos, reconocida por su actividad, la calidad, seguridad e innovación de sus productos y marcas”, dijo Tomazoni.

Marfrig compra Quickfood Argentina

Portal DBO - 07/12/2018 Empresa é líder no mercado local de hambúrgueres e outros derivados de carne bovina

A Marfrig Global Foods anunciou a compra de 91,89% do capital da argentina Quickfood, por US\$ 54,9 milhões. A empresa é líder no mercado de produtos derivados de carne bovina e dona de marcas emblemáticas do mercado argentino. A Quickfood esteve sob o controle da BRF nos últimos sete anos.

“Com essa aquisição reforçamos um de nossos pilares estratégicos: o foco no crescimento em produtos e marcas de maior valor agregado”, diz Eduardo Miron, CEO global da Marfrig. “E fazemos isso com a incorporação de uma empresa de excelência operacional reconhecida. Temos convicção de que esse movimento gerará valor para nossos stakeholders.”

A Quickfood possui três fábricas na Argentina, localizadas nas cidades de San Jorge, Baradero e Arroyo Seco. Juntas, essas unidades têm uma capacidade de abate de 620 cabeças de gado por dia e processam mais de 6.000 toneladas mensais de produtos como hambúrgueres, salsichas, frios e vegetais congelados.

Entre as marcas da companhia estão a Paty, sinônimo da categoria hambúrguer no mercado argentino, a Good Mark e a Barfy, também de hambúrgueres, a Vienissima!, marca líder de salsichas, e a Green Life, de vegetais congelados. Em 2017, o faturamento líquido da Quickfood foi de 352 milhões de dólares. A empresa é listada na Bolsa de Buenos Aires (PATY) desde 2002.

A Marfrig também anunciou, na mesma ocasião, um acordo de parceria com a BRF, no valor de R\$ 100 milhões, pelo qual assume a produção de hambúrgueres, almôndegas e quibes da fábrica de Várzea Grande, em Mato Grosso – inclusive com a transferência de equipamentos e infraestrutura. A unidade tem capacidade de produção de 69.000 toneladas de hambúrgueres por ano.



O acordo garante à Marfrig um contrato de fornecimento desses produtos à BRF, pelo prazo de cinco anos. Além da parceria firmada com a BRF, o acordo permite que a Marfrig volte a suprir produtos, como hambúrgueres, a empresas globais de foodservice instaladas no Brasil e que adeque o investimento previsto para uma nova planta de hambúrguer no país.

Ambas as operações, Quickfood e Várzea Grande, ficarão sob a gestão de Miguel Gularte, CEO da operação América do Sul da Marfrig e serão financiadas com parte do caixa da companhia.